



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MAYARA FONSÊCA DE MELO

O PROFESSOR E O LIVRO DIDÁTICO NO PROCESSO DE LEITURA E
LETRAMENTO DO ALUNO

João Pessoa

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MAYARA FONSÊCA DE MELO

O PROFESSOR E O LIVRO DIDÁTICO NO PROCESSO DE LEITURA E
LETRAMENTO DO ALUNO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para requerer o título de
Licenciada em Língua Portuguesa na
Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliana
Vasconcelos da Silva Esrael.

João Pessoa

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M528p Melo, Mayara Fonseca.

O Professor e o Livro Didático no processo de leitura e letramento do aluno / Mayara Fonseca Melo. - João Pessoa, 2019.

35 f. : il.

Orientação: Eliana Vasconcelos da Silva Esvael.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Letramento, Leitura, Livro Didático. I. Esvael, Eliana Vasconcelos da Silva. II. Título.

UFPB/CCHLA

MAYARA FONSÊCA DE MELO

O PROFESSOR E O LIVRO DIDÁTICO NO PROCESSO DE LEITURA E
LETRAMENTO DO ALUNO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para requerer o título de
Licenciada em Língua Portuguesa na
Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a.Dr.^a Eliana Vasconcelos da Silva Esvael
Universidade Federal da Paraíba (Orientadora)

Prof^a.Dr.^a Josete Marinho de Lucena
Universidade Federal da Paraíba

Prof^a.Dr.^a Alyere Silva Farias
Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa

2019

“Precisamos dar um sentido humano às nossas construções. E, quando o amor ao dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.”

Érico Veríssimo

A Vó Nazaré (*in memoriam*), a
mulher que me ensinou a amar o
mais simples da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por todo apoio durante toda a minha formação acadêmica, ao meu pai, Marcos, minha mãe, Rubenita; mas principalmente a minha irmã Maysa, uma das minhas maiores incentivadoras, a minha pessoa.

À minha orientadora, Eliana, que apesar de saber de toda a minha dificuldade da conclusão desse curso, acreditou na minha capacidade e incentivou a realização desse sonho.

À Nayara por todo o apoio na elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, me incentivando e tendo paciência para me acalmar nos momentos de estresse. Perdendo finais de semana comigo para elaborar este TCC.

A minha prima, Jardine, por todo o incentivo e ajuda na revisão do resumo em inglês do TCC.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano. 9ª ed.*
São Paulo: Atual, 2018.....15

Figura 2 – Apresentação

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano. 9ª ed.*
São Paulo: Atual, 2018.....16

Figura 3 – Unidade 3

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano. 9ª ed.*
São Paulo: Atual, 2018.....18

Figura 4 – Unidade 3

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano. 9ª ed.*
São Paulo: Atual, 2018.....19

Figura 5 – Estudo do Texto

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano. 9ª ed.*
São Paulo: Atual, 2018.....21

Figura 6 – Estudo da linguagem do texto

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano. 9ª ed.*
São Paulo: Atual, 2018.....22

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
ABSTRACT	2
1. INTRODUÇÃO	3
2. LETRAMENTO	5
2.1 O QUE É LETRAMENTO	5
2.2 LETRAMENTO E LEITURA	8
3. O LIVRO DIDÁTICO	10
3.1. A LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO	10
3.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO	14
3.2.1 APRESENTAÇÃO.....	15
3.2.2 ATIVIDADES DO LD.....	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

RESUMO

Este trabalho analisa alguns aspectos do Livro Didático - *Português Linguagens – 7º ano* (CEREJA, VIANA, 2018), para investigar como o uso do LD pode ser um facilitador nas práticas de um ensino letrado, tendo como subsidio teórico os estudos do letramento propostos por: Soares (2010) e Kleiman (1995), considerando o quanto essa pratica é importante para o processo de aprendizagem do indivíduo, já que é uma estratégia que visa o aprendizado da leitura e da escrita; não apenas saber ler ou escrever, mas sim, utilizar essas práticas inseridas no âmbito social. E a partir da definição e uso do termo letramento, a proposta é inseri-lo cada vez mais na sala de aula como prática no aprendizado das estratégias de leitura, tendo em vista que as escolas acabam por distanciar o meio em que o aluno vive das práticas pedagógicas, tornando o ensino limitado numa prática social e interacionista. O professor deve observar que ele é o responsável por mediar o acesso ao conhecimento para os alunos, usando de meios contextualizados, agregando ferramentas para isso - como o livro didático, utilizando-o como auxílio para dinamismo das aulas e não como caráter exclusivo de suporte para a prática de ensino na sala de aula. Em relação à metodologia foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre como o uso do livro didático pode auxiliar o professor nas práticas de letramento em sala de aula. Com isso, mostra que para o professor utilizar estratégias do letramento em sala, ele poderá utilizar o livro como ferramenta, mas não como um método exclusivo; assim favorecendo o processo de aprendizagem na escola.

Palavras-chave: Letramento. Leitura. Professor. Livro Didático.

ABSTRACT

This work analyzes some aspects of the Didactic Book - Portuguese Language - 7th year (CEREJA, VIANA, 2018), to investigate how the use of LD can be a facilitator in the practices of a literate teaching, having as theoretical subsidy the studies of the literacy proposed by: Soares (2010) and Kleiman (1995), considering how important this practice is for the learning process of the individual, since it is a strategy that aims to learn reading and writing; not only know how to read or write, but rather, to use these practices inserted in the social scope. And from the definition and use of the term literacy, the proposal is to insert it more and more in the classroom as a practice in learning reading strategies, given that schools end up distancing the environment in which the student lives pedagogical practices, making teaching limited in a social and interactionist practice. The teacher should note that he / she is responsible for mediating access to knowledge for the students, using contextualized means, adding tools for this - like the textbook, using it as an aid to class dynamism and not as an exclusive support character to practice teaching in the classroom. Regarding the methodology, a bibliographical research was carried out on how the use of the textbook can help the teacher in the practices of literacy in the classroom. With this, it shows that for the teacher to use literacy strategies in the classroom, he can use the book as a tool, but not as an exclusive method; thus favoring the learning process in the school.

Keywords: Literacy. Reading. Teacher. Textbook.

1. INTRODUÇÃO

A escola tem como papel orientar os alunos e formar cidadãos, proporcionando a eles os ensinamentos de que precisam para conviver em um mundo que sempre está em constante evolução, como é proposto na LDB, Lei nº 9.394 que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (BRASIL, 1996, p.8). Mediante a um trabalho crítico e de busca pela prática da cidadania, a escola expõe aos alunos a importância de cada indivíduo e qual o seu papel perante à sociedade, ou seja, torná-los cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

A escola não deverá apenas dizer o que aluno deve fazer. Nesse espaço deve existir a compreensão e o entendimento do papel da escola, ou seja, proporcionar ao aluno condições para inseri-lo na sociedade. É necessário estar alerta para o processo evolutivo do mundo e encaminhar o estudante para a vida, pois segundo Vigotsky (1994), o aprendizado surge mediante ao meio em que se está inserido.

O professor é o mediador desse processo e os alunos estão cada vez mais expostos a todos os tipos de informações e cabe ao professor sugerir aos alunos reflexões sobre temas do cotidiano e que interfiram positivamente em seu meio e, principalmente, em sua vida. O aluno se sentindo seguro, manterá a produtividade do ensinamento, ou seja, um ensino que visa associar conteúdo a uma prática social. Assim, os docentes devem se preocupar, também, com a arte do ensinar, não basta ser um bom pesquisador, também é necessário ser um fomentador na construção de conhecimentos e formador de opinião, isto é, o professor ao planejar uma aula, não pode ser um mero observador, segundo Paulo Freire (1996), o professor deve se planejar em três etapas: ação, observação e reflexão.

A investigação-ação, momento que o professor utiliza para conhecer os níveis de conhecimento dos seus alunos, deve ser construída através de um diálogo, ou seja, se o professor incentiva os seus alunos a dialogar, gera uma problemática culminando em várias reflexões que será base da investigação-ação. O plano de ação é dado em três momentos: Problematização inicial, Organização do conhecimento e Aplicação do Conhecimento (FREIRE, 1996).

A *problematização inicial*, normalmente, é apresentada através de questionamentos sobre experiências, ou seja, é apresentada aos alunos alguma questão, a partir do qual os alunos iriam expor suas ideias, contudo, mesmo o professor dando espaço para esse debate livremente, ele não ficará distante do processo de questionamentos, já que é responsável por direcionar a discussão. Na *organização do conhecimento*, o professor organizará todas as ideias, unindo-as para o mesmo fim, produzir o conhecimento, ou seja, a partir da problematização inicial, o professor transporta as ideias dos alunos, inserindo num ambiente escolar e científico, que poderá aplicar nas várias ferramentas de ensino – como o Livro Didático, na interpretação de textos e resoluções de exercícios. E na *aplicação do conhecimento*, que é o último momento, deve-se analisar o processo de mudança do aluno, avaliando se o aluno adquiriu outra visão crítica para analisar o problema inicial.

Esse contexto educacional instiga os alunos a investigarem a sua própria visão de mundo através de temas concretos ou de problemas a serem solucionados, por meio de interações entre professor/aluno e aluno/aluno; desmitificando qualquer senso comum e construindo uma visão crítica adquirindo conhecimento.

A sala de aula é o ambiente adequado para que professores e alunos construam visões críticas de mundo, por meio de pequenos questionamentos, mas associados a alguma formação, capaz de reconhecer no indivíduo crítico, o caminho para a reconstrução do mundo. O conhecimento é o que garante ao indivíduo a sua maneira de pensar e agir. É através do conhecimento que se pode adquirir informações: duradouras, críticas e libertadoras. Porém, isso só será possível, se a escola der espaço para uma educação que valorize as experiências vividas por seus alunos. O papel da escola e do professor na formação do saber crítico do aluno deve ser repensando, pois só através de uma educação que valorize o saber crítico é que teremos mais cidadãos preparados para a vida, que saibam agir perante uma sociedade cada vez mais excludente e minoritária.

A nossa sociedade valoriza bastante a escrita e a leitura. Contudo, é algo que visa apenas o aprendizado de técnicas, sem nenhuma compreensão; mera reprodução de palavras. A leitura deve ser a base do conhecimento, pois é diante disso que o sujeito enriquece o seu vocabulário, induz o leitor a ponderar sobre a sociedade e amplia a interação com o outro, e as práticas de um ensino letrado, utilizando das estratégias do letramento, auxiliará o professor, mostrando aos alunos que ler é muito mais que codificar e decodificar símbolos do nosso alfabeto, pois o letramento está com a interpretação que o indivíduo faz do mundo.

Nesse caso, o professor através dessas práticas, deve buscar do aluno qual a compreensão do mundo que ele tem.

Diante do exposto, pergunta-se: Qual o papel da escola e do professor na formação crítica do aluno? Como o professor, utilizando de propostas didáticas apresentadas pelo letramento poderá auxiliá-lo na construção do conhecimento cada vez mais contextualizado durante as aulas? E nesse contexto, o livro didático pode funcionar como suporte para essa prática?

Buscamos, neste trabalho, respostas para esses questionamentos. Para tanto, nosso objetivo será compreender as dimensões do letramento e como elas são necessárias para a construção da criticidade do aluno, por meio do trabalho com a leitura. E para essa investigação foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o letramento, tendo como referencial teórico as definições dadas por Soares (2010) e Kleiman (1995), inseridas nas propostas pedagógicas de ensino e na prática da leitura em sala de aula, e análises de alguns aspectos apresentados no livro didático *Português Linguagens – 7º ano* (CEREJA, VIANA, 2018) a fim de verificar se o LD pode ser um suporte para efetivação de um ensino letrado, ou seja, um auxílio para uma prática pedagógica que visa contextualizar o aluno de acordo com as situações presentes no seu dia a dia.

2. LETRAMENTO

O letramento está relacionado ao uso de habilidades de leitura e escrita como uma prática social, ou seja, interpretar o texto de uma forma que analise todas as possibilidades de leitura, e através desse método contextualizado formaremos cidadãos cada vez mais participativos na sociedade. Assim, neste capítulo analisaremos os conceitos e estudos sobre o letramento e como essa prática funciona para a efetivação do ensino de leitura que visa associar o estudo do texto com todos os níveis de conhecimento.

2.1 O QUE É LETRAMENTO

Letramento é uma palavra que surgiu no vocabulário da Educação e da Linguística na segunda metade da década de 1980. Segundo Soares (2010), o vocábulo letramento em seu sentido atual, é uma versão em português da palavra inglesa *literacy* - que etimologicamente vem do latim *littera* que significa letra, acrescentando o sufixo -cy, que

seria o sufixo –mente na língua portuguesa o qual “denota qualidade, condição, estado, fato de ser” (SOARES, 2010).

Dessa forma, letramento é o estado ou condição que o indivíduo ou grupo social aprende a ler e escrever, ou seja, não é saber ler ou escrever; mas sim aprender a usar essas práticas em diferentes âmbitos: social, cultural, político, econômico, cognitivo ou linguístico. *Literate* é o indivíduo que domina a leitura e a escrita de uma forma social - ele é letrado. Assim, o letramento está ligado às práticas de leitura e escrita, ou seja, torna-se letrado o indivíduo ou grupo que desenvolve não apenas estratégias de ler e escrever, mas sim aqueles que saibam fazer uso da leitura e a escrita na sociedade.

A Declaração de Persépolis (apud SOARES, 2010) considera o letramento como:

[...] não apenas o processo de aprendizagem de habilidades de leitura, escrita e cálculo, mas uma contribuição para a liberação do homem e para o seu pleno desenvolvimento. Assim concebido, o letramento cria condições para a aquisição de uma consciência crítica das contradições da sociedade em que os homens vivem e dos seus objetivos; ele também estimula a iniciativa e a participação do homem na criação de projetos capazes de atuar sobre o mundo, de transformá-lo e de definir os objetivos de um autêntico desenvolvimento humano (UNESCO, citado em Bhola 1979, p. 38 *apud* SOARES, 2010, p. 77).

O letramento envolve mais do que meramente ler e escrever. Geralmente, as pesquisas que envolvem letramento têm dificuldades para formular uma definição precisa e universal para letramento, pois segundo Soares (2010) o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades e valores e usos de funções sociais; e quando se procura chegar numa definição universal, surgem outras novas divergências. Sendo assim Scribner afirma:

As tentativas de definição (de letramento) estão quase sempre baseadas em uma concepção de letramento como um atributo dos *indivíduos*; buscam descrever os constituintes do letramento em termos de habilidades individuais. Mas o fato mais evidente a respeito do letramento é que ele é um fenômeno *social* (...) O letramento é um produto da transmissão cultural (...) Uma definição de letramento (...) implica a avaliação do que conta como letramento na época moderna em determinado contexto social... Compreender o que “é” o letramento envolve inevitavelmente uma análise social... (SCRIBNER, 1984, p.7-8, grifos do original *apud* SOARES, 2010, p. 66).

Alguns autores consideram o letramento como uma prática de leitura e escrita. Segundo Kleiman (1995, p.19), “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de

práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Nesse âmbito, o letramento pode ser visto como práticas de leitura e de escrita em diversos eventos sociais de que o indivíduo participa. Para que essas práticas sejam efetivas, ou seja, para que o letramento ocorra de maneira expressiva é necessário que haja uma preparação do sujeito. Essa preparação acontece no decorrer da sua vida e de acordo com os vários tipos de linguagem que utiliza no meio onde está inserido. A leitura, como prática social, é fundamental para a construção do indivíduo na sociedade e, para que ele possa entendê-la de maneira significativa, o processo do letramento deve estar associado ao nível sociocultural do leitor, e a partir desse pressuposto ele poderá ampliar os níveis de compreensões e interpretações sobre o mundo.

Observa-se que para a construção do conhecimento do aluno, o educador apresentará meios capaz de proporcionar vários caminhos para serem explorados no processo de aprendizagem, ou seja, não limitar o conhecimento apenas por uma vertente, mas sim deixar que o educando desenvolva suas experiências e habilidades de modo diverso, porque nossa sociedade é igualmente diversa em suas práticas letradas.

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho (LIBÂNEO, 1994, p. 87).

Se a consolidação dos conhecimentos está relacionada à experiência social, é necessário que haja um enfoque social no processo de aprendizado do discente, pois é através da problematização desse contexto que o conhecimento começa a ser construindo individualmente e compartilhado através da mediação do professor. Mesmo o letramento tendo como foco o aprendizado da leitura e escrita para uso social, esse aprendizado ainda está diluído na sala de aula, uma vez que há, ainda, no sistema escolar – ao contrário do que se pensa – uma grande resistência em se trabalhar o processo da aprendizagem através do letramento. Muitas vezes, ocorre apenas um processo de escolarização, isto é, um ensino distante do que uma prática social exige. Alguns autores chegam a informar que existe uma “ausência de relação direta entre escolarização e letramento” (TFOUNI, 2010, p. 41), dado que alguns sujeitos considerados escolarizados não conseguem inserir a sua prática de leitura em nenhum contexto social.

Soares (2010, p.58) afirma que a relação entre o letramento e a escolarização “controla mais do que expande o conceito de letramento”, pois a escola não procura incentivar um processo educacional tomando como referência o meio social ou o conhecimento adquirido por meio da experiência dos alunos. A leitura e a prática de ensino são pautadas por um único direcionamento e avaliadas de forma descontextualizada, excluindo o caráter sociológico do processo da aprendizagem.

A instituição escola redefiniu o letramento, tornando-o o que agora se pode chamar de letramento escolar, ou seja, um sistema de conhecimento descontextualizado, validado através do desempenho em testes (COOK-GUMPERZ, 1986, p. 14 apud SOARES, 2010, p. 85).

A escola deve rever os conceitos no que diz respeito ao processo de aprendizagem, pois o ensino se resume em apenas reproduzir a fala de um discurso já pré-estabelecido e limitado, sem buscar extrair quais as habilidades de leitura e escrita são desenvolvidas pelos os alunos fora da escola. O aluno é avaliado de forma isolada, e essa avaliação é direcionada através de práticas pedagógicas já estabelecidas.

[...] na vida cotidiana, eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias da vida social ou profissional, respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, são vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontânea; na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividades de avaliação (SOARES, 2004, p. 106).

Segundo Vygotsky (1994) o desenvolvimento e o aprendizado são pautados por conflitos, sendo vivenciados socialmente e não isoladamente. Então, a escola não trabalhará com o aluno de forma descontextualizada, assim o professor organizará o seu trabalho de forma interacionista, não excluindo qualquer conhecimento anterior. O professor deve agir como um mediador entre os conhecimentos prévios do alunado, organizando-os em novas experiências que possam ser vivenciadas (contextualizadas) e essa relação irá promover o crescimento e surgimento de novas experiências.

2.2 LETRAMENTO E LEITURA

A leitura é um procedimento complexo e que exige muita compreensão. O ato de ler é parte fundamental do saber, pois é diante disso que o indivíduo enriquece o seu léxico,

poderá fazer o leitor a analisar a sociedade e ampliar a interação com o outro; porquanto é através de uma reflexão acerca do que foi exposto pelo autor do texto, que o leitor constrói seus posicionamentos, formando os seus próprios conceitos.

A leitura que realizamos na escola e, pela qual ela é responsável é a leitura de textos concretizadas, sobretudo pela palavra escrita. Mas, ler é bem mais que isso, não é só um processo de decodificação das palavras. A leitura de um texto não é feita de modo passivo, pois esse processo é produtivo, Kleiman (1997) apresenta que a leitura não deve ser apenas a ação de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra; mas sim um ato interacionista entre o texto, o autor, o leitor e os níveis de conhecimento do indivíduo. Então, para a construção do aluno letrado é necessário que o professor o conduza para a prática social da leitura, pois “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (SOARES, 2010, p.43). É necessário conduzir o aluno a diversos tipos de leitura, pois dessa forma ele criará um laço entre a leitura e os aspectos sócio culturais.

Mesmo que a leitura parta de um interesse individual, o professor deve conduzir o aluno a dar esse primeiro passo, apresentando o texto e fazendo o aluno refletir sobre quais conceitos ele pode construir a partir dessa interação. Assim, pode-se construir sujeitos críticos que consigam ressignificar opiniões, aproximando cada vez mais do seu ambiente sócio cultural e cognitivo, já que

a leitura de qualquer gênero literário não pode ser excluída do processo de letramento. Não existe tipo de leitura errada, existe ‘hábito de leitura’. O grau de letramento do aluno depende por um lado, da maior ou menor presença, em seu cotidiano, de prática de leitura e escrita (KLEIMAN, 1998, p.181).

Não é só o aluno que deve ser letrado, o professor também. Caso contrário ele não conduzirá de modo eficaz o processo de formação desse aluno. Um dos papéis do professor, em sala de aula, é de investigar os estágios sociais do aluno e utilizá-los como uma ferramenta para adequar as suas aulas ao nível de letramento de cada turma, pois para que a compreensão de um texto seja efetivada, o texto precisa apoiar-se no sentido que aquela leitura traz para o aluno. Então, se o professor não tiver um preparo, ele não saberá conduzir o educando ao caminho da leitura, pois o professor como mediador deverá apresentar algumas estratégias de leitura, pois ele deve promover aos seus alunos uma leitura que extraia uma ponte com a realidade que se vive. É fundamental que ele seja não só um professor, mas um profissional letrado para que saiba escolher bem os livros, considerando o

contexto de seus alunos no processo do letramento e possa desenvolver nos alunos, no dia a dia, o exercício de uma sociedade justa e crítica. Segundo os PCNs:

[...] se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano (BRASIL, 1998, p. 41).

Dessa maneira, para formar um aluno crítico, o professor e a escola deve incentivá-lo constantemente na prática da leitura, pois o processo da aprendizagem requer esforço e dedicação, já visto que ler não é só retirar dados aleatórios ou considerar que apenas um texto é suficiente para construir um significado. Ler é ir mais além. É associar outros textos e os níveis de conhecimento, para que os níveis de letramento sejam ampliados. O professor vai selecionar o texto que atenda às necessidades do aluno; então, é imprescindível que haja um planejamento da aula, pois assim o professor conseguirá atingir com segurança a todos os alunos e terá como consequência um bom resultado no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, “qualquer atividade, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados” (SCHIMITZ, 2000).

3. O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático faz parte da história da escola há muito tempo. E sempre está atrelado há alguns questionamentos ao seu uso em sala. E leva a algumas reflexões: os textos e exercícios apresentados ajudam o aluno a pensar e desenvolver a sua criticidade? Os conteúdos linguísticos estão corretos?

E a busca de repostas para essas perguntas, é um auxílio para o professor na escolha do LD que poderá ser uma ferramenta de ensino na sala de aula, pois é importante destacar que o livro é apenas um dos suportes que o professor tem para a sua atuação. Assim, neste capítulo analisaremos se o LD ele é um facilitador para o professor na prática de um ensino letrado.

3.1. A LEITURA E O LIVRO DIDÁTICO

No final do século XIX, o letramento começa a ser discutido na Europa; contudo só no final do século XX, esse termo passa a participar das discussões sobre as práticas de ensino no Brasil (FREITAS, COSTA E MOTTA, 1993). Esse atraso de quase um século é uma consequência de incompatibilidades no quesito políticas públicas, pois na busca de sanar o analfabetismo no Brasil, alguns dos projetos criados até a década de 1980 estavam preocupados no número de pessoas que sabiam ler e escrever o seu nome. A alfabetização não incentivava em certos casos uma prática de leitura social, direcionava para uma prática apenas escolar, e na vivência da escola os professores passaram a perceber que por mais que os alunos soubessem ler, muitas vezes não entendiam o que liam nem associavam a leitura a uma prática comum e social, mas sim uma exigência escolar. Então, os textos lidos pelos alunos eram quase na sua totalidade apenas os exigidos pela escola ou o que era lido fora da escola não se considerava leitura como instrumento de aprendizagem.

Rajo (1998) afirma que a alfabetização e o letramento não precisam estarem juntos, pois no momento em que a criança consegue ler e escrever o processo de alfabetização estaria completo, mesmo que não soubessem interpretar um texto que acabara de ler; o letramento viria depois sendo construído com o passar da vida estudantil do aluno, pois a alfabetização é um processo de decodificação do fonema e letra e não se faz necessário a priori uma relação interacionista entre o aluno, o seu conhecimento de mundo e a decodificação das letras. Dessa forma, atribuímos a alfabetização um processo mecânico, e a leitura é dinâmica. Não se pode exigir uma leitura sem uma prática social; porque quando uma criança é inserida no processo de alfabetização ela já traz consigo conhecimentos que foram construídos a partir de experiências vividas e mesmo que ela ainda não saiba ler e escrever, já consegue associar as palavras que escutam a uma prática, ou seja, sabe associar o objeto ao seu uso. Freire (1987) afirma que os conhecimentos de mundo da criança não podem ser deixados de lado na alfabetização, pois essa vivência servirá como base desse processo e na construção do indivíduo como um ser consciente socialmente.

Nesse sentido, alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, atas a dizer a sua palavra, criadora de cultura. A cultura letrada conscientiza a cultura: a consciência historiadora automanifesta à consciência sua condição essencial de consciência histórica. Ensinar a ler as palavras ditas e ditadas é uma forma de mistificar as consciências, despersonalizando-as na repetição – é a técnica da propaganda massificadora. Aprender a dizer a

sua palavra é toda a pedagogia, e também toda a antropologia (FREIRE, 1987, p. 10)

Para Freire (1987) alfabetizar e letrar são processos que devem andar juntos, pois no momento da alfabetização o professor deve escolher palavras que sejam presentes no vocabulário dos seus alunos. Ao valor os conhecimentos prévios do aluno, a escola consegue ter um suporte para que os níveis de conhecimento dos alunos evoluam para uma dimensão social, visto que a escola, não só permite que o indivíduo construa o seu conhecimento, mas também deve ensiná-lo a desenvolver autonomia para filtrar todas as informações que chegam até ele, construindo um grupo cada vez mais consciente do seu papel enquanto cidadão.

Essa autonomia pode ser desenvolvida se for apresentada desde cedo, ou seja, no momento em que o sujeito é inserido no meio escolar, o professor deve induzir o aluno a sempre interagir, obter informações, questionar e analisar; pois o letramento não é executado apenas quando um aluno ler um texto num contexto específico, mas também no dia a dia através de músicas, vídeos, imagens e entre outros. Ele precisa ter a consciência para distinguir quais informações serão relevantes para a construção do seu conhecimento e facilitar a sua vivência em sociedade. A leitura não é um processo passivo, mas sim ativo entre o autor, leitor e as relações sócio culturais.

Soares (2010, p.58) declara “que já compreendemos que nosso problema não é apenas ensinar a ler e escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e escrita”. Isso corrobora a importância do incentivo à prática da leitura no cotidiano escolar, para a efetivação do letramento e a formação do aluno como parte fundamental na sociedade. Nessa perspectiva, o livro didático (LD) pode funcionar como uma ferramenta pedagógica na sala de aula, mas não exclusivamente.

Apesar do LD ser o material mais utilizados pelos professores na sala de aula, desde a década de 1930¹, quando ele foi inserido pelo Instituto Nacional do Livro nas escolas brasileiras, o professor não pode permitir que ele seja apenas um mediador entre os textos do livro e os alunos. Dessa forma está reproduzindo apenas o discurso presente no material – um discurso já pronto. Atitudes como essa dificulta voltar à realidade do aluno e isso fere o

¹ Os professores utilizavam de outros textos e livros para a prática em sala, livros que vinham de Portugal e a partir da década de 1930, que o LD deixou de ser importado, pois com a criação do INL o objetivo era valorizar, planejar e divulgar essa produção nacional.

conceito do letramento, já que para que o indivíduo seja considerado letrado, ele precisa associar o que está lendo com as suas práticas sócio interacionistas. Então, o professor criará um vínculo entre o conteúdo do LD com a realidade vivida pelo aluno. E essa conexão pode ser feita com o uso de materiais extras, como: textos de outras fontes, uma vez que “a atividade de interpretação do texto pode, por sua vez, incluir várias tarefas, dentre elas, verificar o sentido global do texto ou de partes do texto, ou a apreensão da intenção do autor, tarefas que nem sempre são baseadas em análise do texto” (MATENCIO, 1999 p.88).

Dessa forma o LD pode estimular no aluno o gosto pela leitura, quando o professor na análise dos textos, ao invés de buscar dos alunos uma repetição do que já está imposto naquela leitura, incentiva-os a refletir sobre o tema, ou seja, o ensino não pode se prender apenas a conteúdos programados e leituras superficiais, ele precisa desenvolver, estimular, agregar conhecimento aos alunos (POSSENTI, 2005). Assim,

uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos. (BRASIL, 1998, p. 24).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais potencializam a prática da leitura como uma estratégia de ensino reflexiva, então o professor poderá usar o LD como suporte para vivenciar aprendizagens sociais que levarão a aplicação das práticas do letramento na sala de aula, ficando atento para a limitação que esse material tem, pois como o documento afirma a leitura

é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 70).

Assim, os PCNs reafirmam a posição do professor como sujeito ativo na sala de aula, não só um mediador entre o LD e os alunos, mas sim como um quase coautor do livro, reescrevendo-o para inseri-lo na sala de aula de forma significativa para a consolidação dos

níveis de letramento estipulados, ou seja, trazendo uma análise significativa e contextualizado do texto (LAJOLO, 1996).

3.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Após a discussão sobre o letramento exposta anteriormente, analisaremos alguns aspectos do livro: *Português Linguagens* - (CEREJA, VIANA, 2018) (Figura 1), foi escolhido esse livro, pois é um dos livros mais adotados nas escolas do Brasil (Revista Nova Escola, 2017) e do segmento do 7º ano do ensino fundamental II, pois é um ciclo de muitas questionamentos, surpresas e dúvidas para o aluno, já que envolve alunos numa faixa etária (11 a 13 anos) de muitas descobertas. Nessa idade, *meninos e meninas passam a contestar o que os adultos dizem. Ora falam demais, ora ficam calados [...] Os comportamentos variam tanto que professores e pais se sentem perdidos* (MARTINS 2010), é a fase da inconstância.

Dessa forma, as propostas de leituras do livro devem estar relacionadas a assuntos que sejam presentes no cotidiano desses alunos, e para que nós professores possamos associar o estudo da língua com discussões que levem esse aluno a entender seu espaço na sociedade. Assim, analisaremos algumas atividades desse LD para confirmar o seu potencial como uma ferramenta eficiente para o professor na prática em sala aula, ou seja, se será um facilitador na proposta de um ensino letrado, já que a análise dada pelo PNLD (2017) afirma que o eixo de leitura do *Português Linguagens* trabalha “com diferentes gêneros textuais. Também são fornecidas atividades que buscam desenvolver diferentes estratégias de leitura, o que permite ao professor observar variados aspectos dentro de cada texto”.

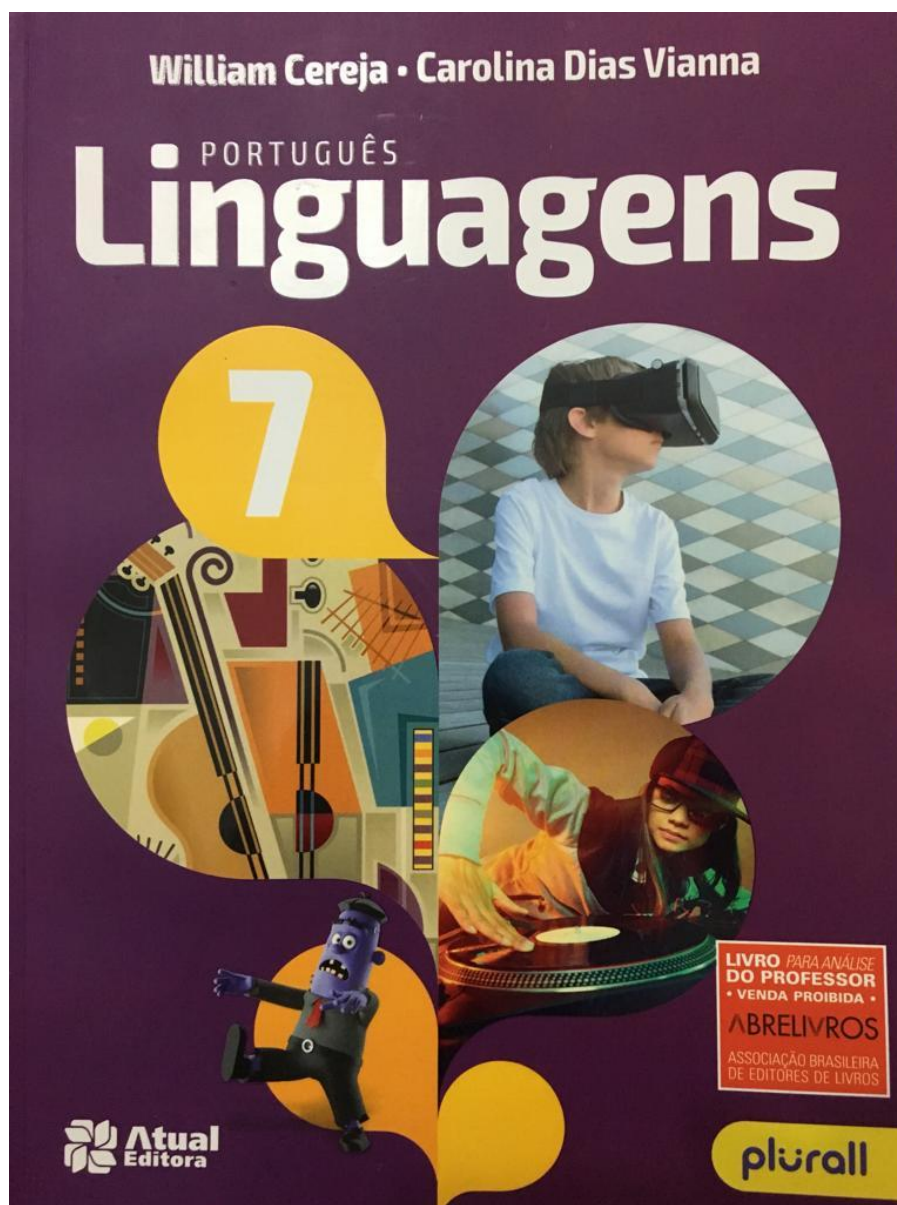


Figura 1 – Capa do livro

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano*. 9ª ed. São Paulo: Atual, 2018.

A análise será feita através de dois referenciais: o primeiro, a apresentação do livro, pois consiste o comentário dos autores sobre a proposta do LD; e algumas atividades de leitura solicitadas no material, presentes na unidade 3.

3.2.1 APRESENTAÇÃO

É na apresentação do livro (Figura 2) de forma sucinta que o autor expõe a proposta do material e um resumo de como os conteúdos serão trabalhados. Dessa forma, a análise

acontece a fim de encontrarmos uma proposta que visa um ensino cada vez mais interacionista, ou seja uma prática educacional que tenha como fator principal o letramento.

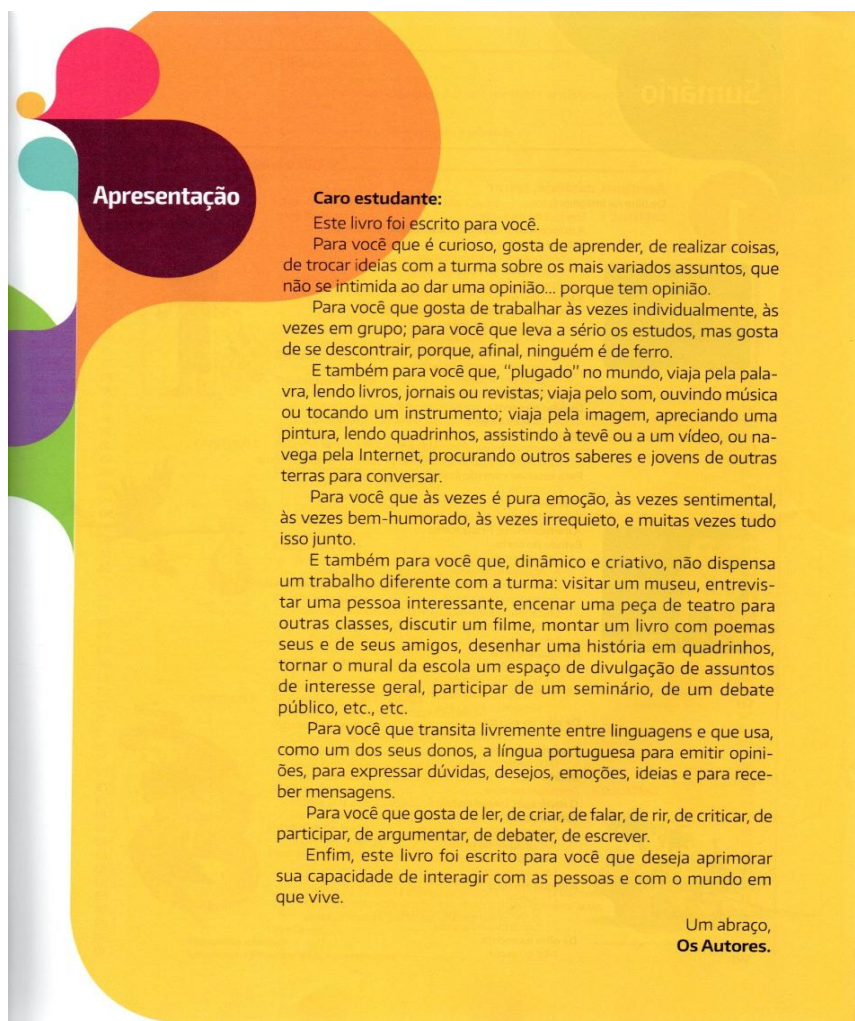


Figura 2 – Apresentação

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano*. 9ª ed. São Paulo: Atual, 2018.

Nota-se que no primeiro parágrafo os autores deixam claro o quanto a vivência do aluno é importante, quando afirmam que o livro *foi escrito para você* (aluno); e no parágrafo seguinte é enfatizado que a liberdade de expressão do alunado é importante: *não se intimida ao dar uma opinião... porque tem opinião*. Nesse ponto eles dão credibilidade aos alunos afirmando que têm opinião, e isso cria uma perspectiva no aluno que no contexto escolar ele poderá expor os seus pensamentos.

No decorrer da leitura, os autores vão chamando a atenção dos alunos de forma positiva, garantindo que ele é um ser ativo no seu convívio social e é um reflexo desse meio, asseverando que o aluno é um indivíduo que gosta de trabalhar individualmente, mas

também em grupo, que tem sentimentos e mudanças de humor; que é um sujeito que a todo instante está sendo bombardeado de informações – através de: livros, jornais ou revistas; e principalmente está disposto a adquirir novos conhecimentos. Todas essas afirmações dadas pelos autores também acabam sendo direcionadas aos professores, pois de forma implícita esse discurso chega a eles como um suporte para o preparo das aulas, isto é; o professor compreende que cada aluno possui conhecimentos particulares, e diante de um planejamento das aulas, ele conseguirá unir todas essas informações.

Assim, o professor ligará os conceitos que os alunos já têm ao conteúdo que foi apresentado em sala, desenvolvendo dessa forma um aprendizado a partir de uma estratégia interacionista, fazendo com que o aluno desenvolva a sua criticidade e possa agregar mais significados as suas opiniões. Dessa forma, confirmará com o que é colocado pelos autores no último parágrafo da apresentação do LD: *Enfim, este livro foi escrito para você que deseja aprimorar sua capacidade de interagir com as pessoas e com o mundo em que vive*; desse modo, a proposta de um ensino letrado é executado, pois “os alunos necessitam vivenciar situações que permitam aprimorar habilidades que já possuem e desenvolver novas capacidades (ZORZI, 2003, p.25)”, sobretudo habilidades de leitura e escrita. Isso é descrito pelo PNLD (2017), quando analisa que os eixos da leitura, da produção de texto e dos conhecimentos linguísticos presentes no LD prioriza uma metodologia sociocognitiva, que explora o processo de construção conceitual e de procedimentos específicos do aluno.

3.2.2 ATIVIDADES DO LD

O livro é organizado em quatro unidades, cada uma representa uma unidade temática: *Aventura, mistério e terror; Viagem pela palavra; Cidadania; Internet: para o bem ou para o mal*, respectivamente. No total o LD, apresenta doze capítulos, que são distribuídos três por unidade. E todos os textos que iniciam os capítulos seguem a linha discursiva proposta pela temática da unidade que são introduzidas por um pequeno texto (Figura 3) e por sugestões de leituras que compreende: livros, filmes, músicas e sites; numa seção denominada *Fique ligado! Pesquise!* (Figura 4), cujos conteúdo dos textos estão relacionados tematicamente a unidade em estudo; e ainda na abertura de cada unidade também é sugerido um projeto intitulado *Intervalo*, que marcaria o término do estudo da unidade de forma que envolvesse toda a escola.

A seção *Estudo de texto*, voltada para a leitura, é composta por algumas subdivisões: *Compreensão e interpretação*, *A linguagem do texto* e *Trocando ideias*. A *Produção de texto* envolve tanto a modalidade escrita quanto a oral, está presente em todos os capítulos. A área de conhecimentos linguísticos está estruturada nas seções: *A língua em foco* e *De olho na escrita*. Então, para a análise foi escolhida a unidade três que tematiza – A *Cidadania*, abordando o capítulo três que discute sobre: *bullying e cyberbullying*, que trata de temas que são presentes no cotidiano dos alunos e que ainda geram muitas dúvidas sobre essa temática.



Figura 3 – Unidade 3

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano*. 9ª ed. São Paulo: Atual, 2018.

Na unidade 3 (Figura 3), tomou-se com referencial discursivo a cidadania, através de um poema os autores apresentaram de forma lúdica uma definição do que seria cidadania, destacando que isso é um direito e dever de todos, provocando a discussão sobre o papel do aluno como um sujeito ativo na sociedade; uma vez que

poder ler e escrever, interagir com os textos escritos e com os conhecimentos e informações que se veiculam e, desta forma, operar com os referenciais que se constituem na tradição cultural da escrita, tudo isso é condição essencial de participação social (BRITTO, 2007, p. 3).

Nota-se que os autores se preocupam em expor no livro temas atuais, assuntos que fazem parte do dia a dia do aluno, pois através disso o estudo do texto em sala não seria algo limitado, porque o professor poderá agregar à análise a inserção de outros fatores, como: questionamentos se os alunos já vivenciaram situações descritas no texto ou o que eles poderiam fazer para solucionar alguma problemática apresentada no texto.



Figura 4 – Unidade 3

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano*. 9ª ed. São Paulo: Atual, 2018.

Ainda na abertura da unidade 3 (Figura 4), os autores colocam várias sugestões de leituras, filmes, sites e músicas que dialogam sobre a temática que é proposta para o estudo da seção. Isso induz o professor a não deter a apenas ao livro didático, mas sim utilizar

outros meios para estimular o aluno a aprendizagem, pois o professor não deverá direcionar a aula apenas de acordo com a sequência estipulada pelo livro. O LD é um suporte e o professor não pode esquecer que uma de suas principais funções é contribuir para o desenvolvimento cognitivo, social, crítico e intelectual do aluno.

Se o professor não utilizar outras ferramentas de ensino, ele acabará executando um ensino mecanizado que visa reproduzir um discurso pronto, deixando como segundo plano a proposta do letramento, que defende uma prática mais próxima da realidade do aluno; assim a expansão desse cotidiano fará com que os alunos rompam com os paradigmas do senso comum.

No final da abertura da unidade 3 é colocado um box, intitulado de *Intervalo* (Figura 4), que direciona os alunos a organizarem uma feira de cidadania e esse projeto seria uma culminância para a consolidação do estudo da temática, pois nessas interações são construídas comunidades de conhecimento (CASTANHEIRA, 2010), pois *por meio da vivência em uma comunidade particular, um indivíduo desenvolve conhecimentos das práticas e desenvolve também, capacidades para utilizar esse conhecimento e agir de maneira apropriada segundo as demandas e expectativas do contexto interacional* (CASTANHEIRA, 2010, p. 28). Assim, essa troca de leituras, através de vários tipos de textos, constitui um evento de letramento; pois os alunos poderão ter o contato com outras informações e experiências, resultando em aprendizado (BATISTA, 2011).

A seguir um exercício trabalhado na unidade 3.

Estudo do texto

Compreensão e interpretação

- 1 Com base no texto lido, responda: São duas formas de intimidação usadas com o objetivo de agredir alguém.
 - a) Em que se assemelham o bullying e o cyberbullying?
 - b) Em que o bullying e o cyberbullying se diferenciam?
- 2 Observe a profissão e a idade das pessoas citadas no texto.
 - a) O cyberbullying é um fenômeno que ocorre exclusivamente com jovens que convivem na escola? Justifique.
 - b) Os praticantes de cyberbullying procedem de diferentes formas: colocando apelidos, ofendendo, gozando, xingando, humilhando física ou moralmente, intimidando, ameaçando, etc. Que tipo de cyberbullying as pessoas citadas no texto sofrem?
 - c) Nos três casos citados no texto, quais são os sentimentos experimentados pelas pessoas? Insegurança e infelicidade.
- 3 Considere agora os casos apresentados no boxe "Jovens são alvo".
 - a) Em quais deles a consequência do cyberbullying foi trágica? Nos casos de estudante canadense e do estudante americano.
 - b) Em um deles, a pessoa que se tornou alvo do cyberbullying atuava em benefício das outras pessoas com as quais convivia. Quem é essa pessoa? Como explicar a ocorrência de bullying, nesse caso?
 - c) Às vezes, a intimidação vai além das ofensas, chegando a ameaças de agressão física e publicação de mentiras. Isso ocorre nos exemplos apresentados?
 - d) Em um dos exemplos, é citada a intervenção da família. Na sua opinião, esse apoio é importante? Sim. É importante contar com alguém de confiança, como um amigo, um professor ou alguém da família, que pode tomar medidas ou sugerir meios para interromper a agressão.
- 4 O texto distingue dois tipos de cyberbullying: o que ocorre nos portais e o que ocorre nas redes sociais.
 - a) De acordo com o texto, em qual deles há mais possibilidade de controle? Que meios têm sido utilizados para isso?
 - b) Nas redes sociais, às vezes ocorrem reações de apoio à pessoa atingida. Em qual caso citado houve esse tipo de reação? No caso de Julia Gabriele.
- 5 Como as redes sociais têm agido em relação ao cyberbullying? Que dificuldades existem para lidar com esse tipo de agressão?
- 6 Alguns especialistas em comportamento humano apontam, no texto, possíveis causas do cyberbullying.
 - a) Cite ao menos três dessas causas. Mudança de um modelo autoritário de educação para outro permissivo; clima de impunidade; desequilíbrio na vida social; necessidade das pessoas de dar vazão a um lado desconhecido da sua personalidade; incentivo dado por outros usuários.
 - b) Na sua opinião, qual delas é a principal? Por quê? Resposta pessoal.
 - c) Você acrescentaria mais alguma causa às apresentadas? Resposta pessoal.
- 7 A tendência natural de quem sofre agressões por meio das redes sociais é responder à altura ou pedir compreensão. Que conselho é dado, no texto, a quem sofre esse tipo de agressão? Não reagir no mesmo tom e não pedir compreensão. Em geral, é isso que o hater deseja, pois ele ganha notoriedade à custa da pessoa ofendida. Uma solução pode ser ignorar as ofensas e rir dos comentários raivosos, pois a memória da Internet é curta, conforme afirma o músico Lucas Silveira.

1 b) No bullying, o agressor está presente e a agressão é dirigida a uma pessoa ou a um grupo de pessoas; no cyberbullying, o meio utilizado é a Internet (portal ou rede social) e a prática dele envolve um número incalculável de pessoas, como agressora ou como agredida.



2 a) Não. Ele ocorre também com pessoas que expressam publicamente sua opinião, como jornalistas, músicos, apresentadores de TV.

2 b) O jornalista, ofensas e ameaças de agressão física; o músico, ofensas e xingamentos; a estudante, humilhação.

3 b) Trata-se da estudante catarinense Isadora Faber. O fato de a garota atuar em benefício de todos pode ter levado o agressor a vê-la como alguém que quer "aparecer" e, por isso, como uma inimiga, uma concorrente.

3 c) Sim. A estudante catarinense foi ameaçada de morte. Sobre a estudante pernambucana, citada também no texto principal, foi publicada a mentira de que ela tinha cometido suicídio.

4 a) Há mais possibilidade de controle nos portais. Ele tem sido feito por meio do cadastro da pessoa que opina, do bloqueio de palavras e da atuação de equipes dedicadas à moderação.

5 O texto menciona as iniciativas do Facebook, que tem investido em recursos (tecnologia avançada, equipe de profissionais especializados) para identificar o conteúdo das postagens. O caso de Nessim Durrani, mencionado no texto, mostra que uma das principais dificuldades é retirar o vídeo em tempo curto.

258

UNIDADE 3 • Capítulo 3

Figura 5 – Estudo do Texto

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens*: 7º ano. 9ª ed. São Paulo: Atual, 2018.

O estudo do texto (Figura 5) analisado, contém questionamentos sobre o texto *Cyberbullying? Vai se tratar!* (Juliano Barreto), presente no capítulo 3 da unidade 3, cuja a temática é Cidadania. Percebe-se que a todo instante os autores pedem que os alunos recorram ao texto para poder responder os questionamentos, como é visto em todos os quesitos do exercício. Como proposta para o letramento dos alunos, em consonância com o LD, o estudo do tema não precisa ser necessariamente todo em torno do texto, o professor antes da leitura pode perguntar a turma se eles já ouviram falar em *Cyberbullying*, se sabem o que significa, se alguém na sala já viu uma situação em que houve o *Cyberbullying* e se ainda é possível encontrar nas redes sociais ou na escola situações de *bullying*; e a partir

dessa sondagem e pode fazer uma leitura ilustrativa, ou seja, agregando outros textos que podem ser verbais ou não verbais; para confirmar o que está sendo dito ou gerar indagações sobre o que está sendo analisado. O professor agindo dessa forma permite que os alunos exerçam a habilidade para relacionar textos, enxergando que um único texto não é dotado de todo o saber. É necessário que a leitura seja múltipla, estabelecendo uma rede, ou seja um hipertexto. O professor deve entender que o ensino da Língua Portuguesa deve sempre ser pautado em atividades interativas com o objetivo de promover o aprendizado de forma dinâmica e total, pois *ler, no sentido de construção de sentidos a partir de textos, supõe normas, códigos de interpretação aprendidos numa comunidade; supõe a aprendizagem de comportamentos face ao texto e ao contexto onde se lê* (DIONÍSIO, 2000, p. 96). É preciso habilitar o aluno para perceber que o texto é um reflexo de leitura de muitos outros textos.

Mesmo os autores sempre pedindo para recorrer ao texto para responder as questões, eles também são bem precisos em dar voz ao aluno, quando perguntam a opinião dele: *Você acrescentaria mais alguma causa às apresentadas?* Isso confirma o que foi enfatizado na apresentação (Figura 2) do LD, quando eles dizem que o aluno tem opinião e eles esperam que os alunos exponham. Porque para que os níveis de letramento sejam efetivados em sala, o aluno também precisa trazer a sua vivência para o contexto escolar.

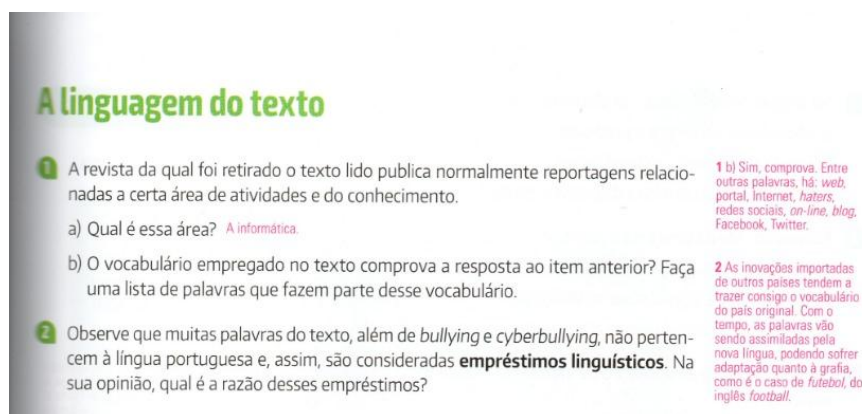


Figura 6 – Estudo da linguagem do texto

Fonte: CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano*. 9ª ed. São Paulo: Atual, 2018.

Os autores sempre procuram retirar dos alunos o máximo de conhecimentos que eles detêm, como é visto na questão 1a (Figura 6), quando eles perguntam a qual área de conhecimento essa temática pode ser trabalhada, mesmo sendo estudada numa sessão sobre cidadania. E cabe ao professor mostrar que do mesmo jeito que um texto apenas não é

fundamental para que haja uma compreensão total do assunto, um tema também pode ser trabalhado em várias áreas de conhecimentos.

Na segunda questão (Figura 6) é dada uma breve definição sobre o que são empréstimos linguísticos e é questionado se aluno tem alguma opinião por qual motivo esses empréstimos são presentes na língua portuguesa, e a partir dessa discussão o professor poderá utilizar esses questionamentos para introduzir alguns conteúdos linguísticos, como: variação linguística ou formação das palavras.

No LD, há sempre um questionamento sobre o que o aluno já sabe, e isso é um dos preceitos do letramento, entender que os alunos chegam em sala dotado de muitas informações e o professor direcionará todos esses conceitos para uma prática interacionista em sala entre a bagagem do aluno e o que ele assimilará durante as aulas. E partir dessa troca o aluno poderá ressignificar os conceitos que ele já tem, agregando mais significações, desenvolvendo a sua criticidade e construindo indivíduos cada vez mais conscientes do seu papel enquanto cidadão.

Assim, o livro analisado induz o professor a direcionar as suas aulas a uma prática letrada de ensino, contudo ele não pode colocar o LD como fonte essencial na sua estratégia de ensino. O professor é o mediador do conhecimento, e o livro é um dos materiais de suporte para essa atuação. Para que o ensino seja embasado numa perspectiva sócio cultural, o professor deve se apropriar das diversas ferramentas para a prática da aprendizagem, como: filmes, imagens, textos de outras fontes, discussões em sala; de tal forma que possam construir um ensino cada vez mais dentro de um contexto, reflexivo e dinâmico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro tópico conceituou-se letramento, que é o processo de aprendizado da leitura e escrita, inserido no meio social. Foi visto o quanto os elementos externos à sala de aula são necessários para formar indivíduos letrados e capazes de interagir de forma contextualizada no meio em que se vive, não apenas reproduzindo discursos; mas sim aprendendo a adequá-los de acordo com cada situação.

A escola mesmo sendo um lugar de aprendizado, o processo de ensino algumas vezes é visto de modo descontextualizado, sendo pautado por meio de situações isoladas sem nenhuma ligação com o mundo no qual o aluno está inserido, isso corrobora para que cada vez tenhamos indivíduos escolarizados – que sabem ler e escrever, contudo não capazes de construir ou entender um discurso inserido num âmbito social.

A escola, juntamente com o professor, tem o papel de desconstruir esse processo de aprendizado tão superficial, e que possam transformar a construção do conhecimento por meio de práticas sociais e de convívio dos discentes. O professor é o mediador entre o conhecimento e o aluno, dessa forma, o docente contribui para a formação de uma sociedade crítica. Então, é necessário que a escola priorize um ensino voltado para as práticas do letramento, levando para a sala de aula atividades de leituras pautadas em textos que visam o cotidiano dos alunos e para isso o professor tem como ferramentas de ensino - o livro didático, filmes, músicas e imagens.

O livro didático avaliado (*CEREJA, VIANA, 2018*) é instrumento facilitador na promoção de um ensino que envolve a prática do letramento, pois contempla textos e questionamentos que levam o aluno a refletir, induzindo-o a debater sobre a temática exposta a fim de mudar ou acrescentar seus pensamentos e conhecimentos sobre seu estado perante a sociedade atual. Contudo, mesmo esse material sendo um suporte para essa prática de ensino, o professor não pode ficar preso apenas a linearidade do livro, pois antes de tudo precisa ser um conhecedor da sua turma, entendendo que será necessário usar outros meios para que o aprendizado seja efetivado, pois “não há livro que seja à prova de professor: o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor” (LAJOLO, 1996, p. 6).

Dessa forma, cabe ao professor escolher como deverá proceder na sua prática na aula, interferindo no LD, acrescentando, retirando ou alterando algumas atividades. A qualidade da prática do professor em sala está ligada a relação do professor, aluno e

conhecimento; e não ao professor e ao livro. Então, para que tenhamos um ensino letrado, antes de qualquer investimento nas ferramentas de ensino, é necessário que o professor tenha uma formação de qualidade e a escola ofereça um ambiente com boas condições de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Antônio Augusto G. *Alfabetização, leitura e ensino de português: desafios e perspectivas curriculares*. In: *Revista Contemporânea de Educação*, UFRJ, 2011.
- BORGES, Daniela et all. Ciclos de investigação-ação educacional na sala de aula. In: RICHARDSON (org.). *Pesquisa-ação: princípios e métodos*. João Pessoa: UFPB, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1997-1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro ao quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL. Programa Nacional do Livro Didático (2017). Disponível em: <http://www.fn-de.gov.br/pnld-2017/> Acesso: 14 jan 2019.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. In: CORREIA, D. A. ; SALEH, P. B. de O. (orgs), *Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia *Aprendizagem contextualizada: discurso e inclusão na sala de aula*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2ª ed., 2010.
- CEREJA, William. VIANNA, Carolina Dias. *Português Linguagens: 7º ano*. 9ª ed. São Paulo: Atual, 2018.
- DIONÍSIO, Maria de L. T. *A construção escolar de comunidades de leitores: leituras do manual de português*. Coimbra: Almedina; 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz eTerra,1987.
- _____. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Bárbara. COSTA, Wanderly Ferreira da. MOTTA, Valéria Rodrigues. *O livro didático em questão*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- KLEIMAN, A. (Org.). *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.
- _____. *Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas* / Roxane Rojo (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

- _____. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 6. ed. Campinas, São Paulo: Fontes, 1997.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARTINS, A.R. *A busca da identidade na adolescência*. 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/401/a-busca-da-identidade-na-adolescencia>. Acesso: 14 jan. 2019.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/alunos*. 1999. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo 1999.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: ALB, 2005.
- SCHMITZ, Egídio. *Fundamentos da Didática*. 7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora. Unisinos, 2000.
- SOARES, Magda. *Letramento e Escolarização*. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.
- _____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ROJO, Roxane Helena R. *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- SEMIS, L. *Entenda o PNLD e saiba quais são os livros didáticos mais distribuídos em 2017*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4864/entenda-o-pnld-e-saiba-quais-sao-os-livros-didaticos-mais-distribuidos-em-2017> Acesso: 14 jan.2019.
- TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- VIGOTSKY, L. S. *Formação Social da Mente: Interação entre aprendizado e desenvolvimento*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- ZORZI, Jaime Luiz. *Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.